

Entrevista com Olavo de Carvalho

Revista República, 1999

Olavo de Carvalho foge da “lengalenga de Nietzsche, Foucault e Gramsci”, lança a Biblioteca de Filosofia e diz que o destino eterno do homem deve ser a grande preocupação do pensador

Por Reinaldo Azevedo, Fábio Santos e Michel Laub

Olavo de Carvalho, 52 anos, não é um pensador profissional, mas é dos mais prolíficos entre seus pares. Se é que ele tem par. Autodidata por decisão e apreço à liberdade de pensar sem amarras, está fora da universidade, distante das correntes consagradas de pensamento e, com alguma frequência, é visto no centro de algumas polêmicas, alvejado pelo poderoso eixo acadêmico-mediático do pensamento politicamente correto. Ocorre que ele não é facilmente catalogável. Há poucos meses, um lançamento monumental trazia a sua marca. Foi ele quem selecionou, organizou e comentou o primeiro volume de Ensaios Reunidos, uma seleção de textos que Otto Maria Carpeaux, um nome caro à esquerda brasileira, espalhou pelos jornais Brasil afora. Agora, Carvalho dá início à publicação de sua Biblioteca de Filosofia, uma espécie de versão alternativa de Os Pensadores, a célebre coleção trazida à luz no Brasil pela editora Abril e logo adotada, numa universidade majoritariamente monoglota, como seu quase solitário texto de referência.

A diferença é que a Biblioteca de Carvalho é inaugurada com As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo (editora Record/Instituto Brasileiro de Humanidades), do filósofo romeno Constantin Noica, e vai abrigar outros nomes que, pelas mais variadas razões, que vão do desconhecimento ao preconceito, jamais seriam estudados num curso regular de filosofia, como Eugen Rosenstock, Max Wundt e René Guénon. A provocação, como não poderia deixar de ser, fica por conta do próprio Carvalho: “Quero sair da lengalenga de sempre”.

Nesta entrevista concedida a República, fica claro que “lengalenga” não é, definitivamente, a praia de Olavo de Carvalho, um pensador capaz de desmontar com a mesma precisão e argúcia tanto a racionalia esquerdista como a suposta fatalidade do globalismo capitalista. Mas nem por isso um anódino anunciador do fim das ideologias, como os há por aí às pencas. Muito ao contrário, o centro do seu pensamento está antes na demarcação dos campos ideológicos, nas proposições distintivas e afirmativas das diferenças, na capacidade de separar o joio do trigo e, segundo o seu ponto de vista ao menos, colher o trigo.

E uma das boas sementes, para Carvalho, está na religião. Em qual? Em qualquer uma que possa apresentar uma teologia digna do nome, responde o autodenominado “ecumenista radical”. Todas têm, segundo ele, “um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado”. Assim, na contracorrente do pensamento liberal – conservador segundo alguns –, Carvalho não vê como ameaça a expansão do islamismo no mundo e defende o direito de o Estado professar uma religião. Para ele, os Estados Unidos, o maior exemplo de Estado leigo moderno, criaram uma forma particular de terror psicológico em nome do politicamente correto e dos direitos humanos.

O debate sobre os direitos humanos, diga-se, acaba por introduzir uma espécie de ruído em seu pensamento, mas nem por isso ele deixa de se lançar no centro da fogueira. Ele diz, por exemplo, que os americanos fomentam as privatizações no Brasil, destroem o Estado nacional e solapam a sua legitimidade com sua suposta política de direitos civis, de proteção às minorias, de combate ao trabalho escravo e de incentivo às ONGs. É evidente que esquerda e direita podem pinçar nesse juízo elementos para dizer que Olavo de Carvalho se alinha necessariamente no campo do inimigo.

Ele, por sua vez, rejeita o papel de líder do que quer que seja: “Eu defendo uma idéia não porque ela seja de direita ou de esquerda, mas porque parece coincidir com a realidade do momento. Eu não tenho nenhuma pretensão de chefiar movimento, de orientar política. Se o Brasil quiser um ideólogo, que vá procurar outro”. Carvalho pretende apenas continuar a escrever seus livros, que já passam de uma dezena, nos quais passeia do cinema à filosofia pura. Entre eles contam-se títulos atraentes e de interesse geral, como o best seller *O Imbecil Coletivo – Atualidades Inculturais Brasileiras e Símbolos e Mitos no Filme O Silêncio dos Inocentes*. Seu cardápio inclui, no entanto, algumas propostas menos amistosas ao não-especialista, como *Uma Filosofia Aristotélica da Cultura – Introdução à Teoria dos Quatro Discursos*, *Os Gêneros Literários: Seus Fundamentos Metafísicos* ou ainda *Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão – Comentários à Dialética Erística de Arthur Schopenhauer*.

Definitivamente fora da universidade, ensaísta da revista BRAVO! e colaborador de vários órgãos de imprensa, inclusive desta República, Carvalho – que alguns querem uma espécie de besta apocalíptica na nova direita, vive uma vida modesta, com as dificuldades para fechar a conta do mês de qualquer trabalhador mediano do Brasil: “Não reclamo, não saio por aí gritando que professor deveria ganhar mais. Levo a vida que escolhi, faço o que gosto. Não vejo por que deva responsabilizar os outros por minhas opções. Se eu quisesse ser rico, deveria ter escolhido outra profissão”. Finalmente, a uma pequena provocação de República, responde com outra: “Você tem consciência de que, ao apontar uma espécie de centro da conspiração mundial contra os interesses nacionais, aproxima-se bastante da esquerda?”. Ao que ele diz: “Não tenha a menor dúvida! A diferença é que eu não recebo um tostão da Fundação Rockefeller”. Eis o homem.

República: Neste virada de século, que lugar a política ocupa na vida das pessoas?

Olavo de Carvalho: A coisa está indo numa direção já apontada por Carl Schmitt na década de 30. Ele dizia que a política iria desaparecer e seria substituída pela polícia – duas palavras com etimologia comum. Schmitt dizia que um confronto se torna político quando não pode ser arbitrado por meios racionais. Então se parte ou para a contagem do número de adeptos ou para a guerra. Ele dizia que, a partir da fundação da Sociedade das Nações – a antecessora da ONU –, a parte divergente passaria a ser tratada como criminoso. É o que acontece hoje. Não é mais como foi durante boa parte da história européia, em que os Estados beligerantes se reconheciam como soberanos. Já não se trata de política – confronto entre iguais –, mas de polícia – confronto entre a ordem legal e o criminoso.

Em que medida a chamada globalização facilita que se estabeleça esse quadro?

Bom, eu não acredito que a economia determine o rumo da história. Na maior parte das vezes, ela é um instrumento ou, às vezes, um pretexto. O que está em jogo não é uma questão econômica, mas o poder político. As grandes forças hoje estão pouco se lixando para dinheiro ou lucro. O que há é um esforço para a conquista do poder político em escala mundial, que permita a substituição definitiva da política pela polícia.

Na visão de Carl Schmitt, o adversário é sempre um inimigo. No entanto, ao longo do século XX, evoluiu-se para um tipo de política em que o adversário pode vir a ser abrigado no status quo do vencedor.

Só se pode falar de uma política consensual quando esse consenso se limita a aspectos formais mínimos, à regra do jogo. Mas hoje o consenso já não abarca somente isso, mas também valores explícitos, códigos de conduta. Vai muito além da regra do jogo: determina o resultado. Por exemplo, quando se cria uma doutrina mundial de direitos humanos com base naqueles conceitos abstratos da Revolução Francesa – todos os seres humanos são absolutamente iguais, etc., etc. – e se implanta isso em escala mundial, sem ter em vista as diferenças culturais, religiosas, etc., já não se está mais apenas determinando uma regra, mas todo o resultado. Outro exemplo: hoje, é tido como um absurdo a existência de um Estado islâmico como religião oficial. Não se reconhece

mais que os Estados têm o direito de ter uma diferença cultural, mas, ao mesmo tempo, se concede esse direito aos grupos dentro do Estado. Isso é um nonsense. A primeira Constituição escrita da história foi aquela feita por Maomé para a cidade de Medina, que não impunha práticas islâmicas à maioria judaica. Nunca um Estado leigo moderno conseguiu assegurar a paz entre grupos diferentes. Acho que tanto os muçulmanos como os judeus estão certos de querer ter seus respectivos Estados religiosos, contanto que não persigam ou matem as minorias, é claro.

Mas o Brasil, um Estado leigo, não garante essa proteção?

O Brasil não é um Estado leigo moderno. O Brasil é um Estado ainda em formação. Porém, na estrutura real do esquema de poder, os valores cristãos sempre predominaram. Foi justamente em nome deles que o Brasil criou uma sociedade em que grupo divergentes podem viver sem ser perseguidos. O Estado leigo moderno se pretende superior a todos os Estados vinculados a religiões e alega a capacidade de harmonizar vários grupos, mas nunca fez isso. O exemplo mais característico são os Estados Unidos, onde se oprimem as pessoas, fiscaliza-se a vida particular e cria-se uma situação de terror psicológico em nome dos direitos humanos.

Mas a sociedade americana não vive melhor do que vivia antes do movimento pelos direitos civis?

Infinitamente pior. Isso aí piorou tudo, formidavelmente. É que o Brasil é um país extremamente mal informado. Nunca vi sair no Brasil um único artigo dos negros conservadores americanos, intelectuais de primeiríssimo plano, como Thomas Sowell, economista brilhante que já recebeu um Prêmio Pulitzer. Ele tem um livro em que demonstra que essa legislação dos direitos civis foi extremamente prejudicial aos negros, a começar do ponto de vista econômico. Quando se usa uma palavra qualquer – comodocracia, república, monarquia –, tem-se por um lado a definição nominal, mas, por outro lado, esse termo corresponde a alguma realidade no mundo. O cérebro preguiçoso lida somente com definições nominais. Raciocinando assim, por exemplo, nós entendemos que a monarquia é o governo de um e a república, o governo de muitos. Portanto, acreditamos que a república, por definição, seria mais democrática, quando, na verdade, há mais democracias entre as monarquias do que entre as repúblicas. A definição nominal de direitos humanos é muito bonita, mas como isso se traduz na prática? Os direitos humanos são uma extensão medonha da legislação e, portanto, uma extensão da interferência do Estado na vida do cidadão, uma extensão do aparato jurídico, policial, administrativo, burocrático, etc., etc.

Algumas doutrinas na ilegalidade estão nessa condição por ser consideradas autoritárias, como o neonazismo...

Eu acho que a rejeição delas é puramente nominal. Por exemplo, essa aliança em vigor hoje entre o Estado e os grandes interesses multinacionais, isso é política fascista. Então, quanto mais o sujeito fala mal dos fascistas, mais ele pode praticar aquilo sem problema nenhum. O fascismo não é homogêneo. Dada sua característica de doutrina nacional, ele assume um perfil diferente em cada lugar. O nazi-fascismo é um conceito que não existe, foi inventado pelos comunistas quando desfizeram a aliança com Hitler para demonizá-lo. Fascismo é uma coisa, nazismo é outra. Nazismo é um fenômeno especificamente alemão. A coisa é ambígua. Agora, na Romênia, estive estudando as obras do economista Mihai Manoilescu, que foi ministro da Fazenda de governos fascistas. Ora, ele é o guru dos economistas brasileiros de esquerda, a começar por Celso Furtado. Quando se fala fascismo, está-se falando de uma política econômica estatizante, em que há uma aliança entre o Estado e certas grandes empresas. Por aí se vê como é muito difícil raciocinar em termos de estereótipos. Dizer que nazismo é de direita faz-me rir! Como pode ser de direita uma ideologia que propõe uma sociedade darwiniana? Isso é revolucionário. Poucos esquerdistas ousaram propor algo tão subversivo. Toda ideologia revolucionária, seja nazista ou comunista, é monstruosa, porque revolução, por trás das belas palavras, consiste sempre em matar pessoas.

Mas então qual é a sua definição de esquerda e direita?

É muito difícil definir porque a esquerda muda de ideologia continuamente: aquilo que é de esquerda numa geração é chamado de direita pela própria esquerda na geração seguinte. Só vejo uma maneira de definir: o esquerdista é o sujeito que propõe um ideal de futuro e, em nome dele, justifica suas ações no presente. O direitista é aquele que se legitima em função de coisas já realizadas no passado. Ou seja, há a idéia de conservação e a idéia de mudança, e as duas podem ser progressistas à sua maneira.

Essa nova ordem mundial, globalizante, é de direita ou de esquerda?

A característica dela é conseguir unir essas duas forças. Quando se fala em nova ordem mundial, a ênfase cai no “mundial”. Isso é que interessa. Mesmo que seja velha e que esteja na desordem, será mundial. Vamos substituir esse termo por “poder mundial”. Como é que esse poder se afirma? Vai usar a velhíssima estratégia que é descrita por Bertrand de Jouvenel no livro *Du Pouvoir*, o mais impressionante de filosofia política do século XX: um poder maior derruba os poderes intermediários com a ajuda dos pequenos. Então, o poder globalizante tenta destruir os Estados nacionais prometendo ajuda à arraia-miúda, às populações pobres, aos marginalizados. Ora, como é que vai fazer isso? Por duas vias: tem a da direita, ou liberal, e tem a da esquerda...

Ou tinha.

Não, tem ainda. Por exemplo, os Estados Unidos fomentam as privatizações no Brasil, com o que destroem o suporte econômico do Estado, mas também fomentam a política de direitos civis, a proteção às minorias, o combate ao suposto trabalho escravo, as ONGs... Ou seja, todo o ideário da esquerda é também financiado pelos Estados Unidos. Metade da nossa esquerda é financiada pela Fundação Ford, Fundação Rockefeller, Guggenheim... Por que será que fazem isso?

Não poderia haver um interesse genuíno dessas fundações em promover a melhoria nos países pobres?

As duas coisas são genuínas. É isso que a gente não pode esquecer. Sempre estamos tão comprometidos com o vocabulário viciado que nós acreditamos que, se um sujeito é neoliberal e quer privatizar, quer fazê-lo só em interesse próprio. Não é. O FMI também quer nosso progresso econômico.

Certo, mas há efetivamente trabalho infantil no Brasil, e isso parece ser uma coisa bastante ruim...

Não, não é uma coisa ruim. Eu comecei a trabalhar aos 14 anos e aprendi mais do que em qualquer escola!

Mas há crianças mutiladas. Elas deveriam estar na escola.

Se há uma escola lá e as famílias têm meios de mandar seus filhos, elas vão mandar! Se mandam para o trabalho, ou é porque não têm opção ou é porque acharam que o trabalho é melhor que o estudo: no primeiro caso, o Estado não tem o direito de obrigar as pessoas ao impossível e, no segundo, não tem o direito de lhes impor valores.

Portanto, um programa de erradicação dessa mão-de-obra infantil...

Não! Não tem de haver programa de erradicação nenhum. Tem de simplesmente dar a escola e dar meios e deixar que as pessoas escolham...

Esses programas se baseiam justamente em oferecer escola e condições para que as famílias possam abrir mão do trabalho infantil.

Só que, antes de oferecer escola, já criminaliza o trabalho infantil. E aí é uma brutalidade. É a mesmíssima coisa que o Estado faz quando vai desarmar as pessoas antes de lhes garantir uma polícia que possa protegê-las.

Existe um centro organizador do qual se irradiam essas determinações?

Mas é evidente que existe! Há cinco ou seis nações que mandam no mundo. Nos Estados Unidos, desde a década de 60, publicam-se trabalhos sobre quais são as modificações culturais necessárias para adaptar os países subdesenvolvidos a uma economia moderna. Essas nações começam a estudar essas modificações com 20, 30 ou 40 anos de antecedência.

Esse seu pensamento é muito parecido com o de parte da esquerda.

Não tenha a menor dúvida! Mas nenhuma fundação americana me paga para isso. As minhas idéias são experimentais: pode ser que a situação amanhã ou depois mude ou eu perceba que entendi errado. Agora, o ideólogo não pode mudar de idéia, porque senão acaba o partido.

Algumas vezes, você fala como quem acha que o mundo piorou e está piorando.

Piorou formidavelmente. Todos os cálculos que atestam o progresso consideram que a vida melhorou para os vivos. Se computarmos todos – os que sobreviveram e as vítimas –, veremos que piorou muito. Primeiro: piorou do ponto de vista moral. Até o século XIX, por exemplo, havia a noção de “campo de batalha”. Ou seja, não se atacavam os civis. O século XX tornou a guerra total uma norma. Segundo: não se demonizava o adversário, o confronto era entre poderes soberanos legítimos. Terceiro: o fenômeno racista é um fenômeno moderno, que surge com as ideologias darwinistas.

Mas e o ódio religioso que havia?

Mas é incrível, porque a imagem realmente é essa! Nenhuma religião jamais pensou em fazer contra os seus adversários o que os governantes modernos fazem! Um inquisidor medieval, na pior das hipóteses, iria exigir que o judeu se convertesse. No nazismo, o judeu tinha alternativa de entrar para o Partido Nazista e ser poupado? Não! Ele era morto.

Como é que as pessoas poderiam articular formas de resistência a essa dominação que você aponta?

Primeiro: jamais raciocinar pelo valor nominal das palavras. Ou seja, tentar usar palavras baseando-se em definições obtidas do conjunto da realidade mesmo. Uma coisa é fazer uma abstração baseada em dados da realidade; outra é conceber, como na matemática, uma figura e raciocinar com base nela. Conceitos como democracia e ordem jurídica foram inventados exatamente como em matemática. São meras suposições, e as pessoas se matam em nomes dessas hipóteses.

Observando o mundo como você está expondo, fica a pergunta: o que vai acontecer? Um governo global?

O poder global não apenas vai existir, ele já existe. Na ONU discute-se seriamente a possibilidade de eleição direta dos representantes. Ou seja, os membros da assembléia já não seriam representantes dos Estados, mas dos povos. Então, para que os Estados? A idéia é fazer das nações, dos Estados, vários entrepostos. Pode ser até que, do ponto de vista econômico, isso seja bom. Mas, do ponto de vista psicológico, cultural, será que vale a pena a gente vender tudo que a gente tem só para ficar um pouquinho mais rico? Minha objeção à nova ordem mundial seria mais de ordem moral. Nos Estados Unidos, que já perderam sua própria identidade, vive-se um conflito entre o império e a nação. Há uma nação, que foi fundada na revolução americana, com valores bastante explícitos e, por outro lado, há a dinâmica imperial, expansiva, que não tem nada

a ver com aquela nação! A classe política americana já era imperialista desde o berço, mas isso só foi aparecendo aos poucos. Influenciada pelos philosophes do século XVIII, ela queria fazer um modelo político para ser exportado para o mundo. Quer dizer, cria-se um governo baseado em princípios que são iguais para todos os homens; em seguida, considera-se que quem não concorda com esses princípios não é gente.

Você poderia indicar algumas manifestações de resistência contra essa pasteurização de identidades?

Primeiro, vamos definir qual é a essência desse processo todo. A essência do mundo moderno é o seu ódio à religião. O projeto da modernidade é fechar o homem na vida terrestre e dizer: “Não aspire a mais nada, você é apenas um bichinho, e é aqui o seu limite – não pode olhar para cima”. Aos poucos, essa tendência se torna bastante clara, sobretudo nos Estados Unidos. Eles oferecem asilo ao sujeito que é perseguido na China por ser gay, mas negam às mães que não querem abortar. É uma atitude francamente anticristã. Não é mais o Estado leigo, é o Estado anticristão. O direito de o sujeito ter um prazer sexual começa a ficar mais importante do que o próprio direito à vida. Se os caras construírem essa nova ordem mundial, pode ter certeza: eles ganham, mas não levam. A destruição disso virá pelo lado espiritual, evidentemente. Então, sinais auspiciosos, para mim, seriam aqueles que desmentem isso, que mostram que a aspiração do homem é uma coisa maior, de ordem espiritual. Esses sinais estão em toda a parte.

Você poderia dar exemplos?

Não se vê o povo brasileiro se tornar irreligioso. Pode até mudar de religião, mas não se desinteressa disso. Com a entrada das igrejas evangélicas, parece que as pessoas se interessam até mais por religião. Outro sinal: a expansão tremenda do Islã no mundo. É a religião que mais cresce.

Qual a sua religião?

Eu sou ecumenista radical: católico-protestante-islâmico-judaico-budista-hinduísta. Eu acredito que essas religiões têm todas um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado, que o ser humano não poderia ter inventado. Acredito que não se inventam religiões e que elas não vão poder se dissipar. Mesmo que a Igreja Católica quebre toda essa estrutura – aliás, já deveria ter quebrado há muito tempo –, ela não termina. Creio piamente que ela será salva pelos leigos.

Você falou que não imagina o homem sem pensar em uma coisa maior. Essa coisa tem de necessariamente ser religiosa?

Religião – judaísmo, cristianismo, islamismo – é uma das maneiras de expressar isso. Mas não tem de ser religioso nesse sentido, pode ser uma aspiração espiritual legítima. E, se for legítima, não desmentirá em nada o legado daquelas tradições.

O sr. não vê a possibilidade de essa coisa maior ser a humanidade, o bem comum...

Não. A humanidade, o bem comum, isso é a pseudo-religião do Estado moderno. Isso é Augusto Comte, a religião da Revolução Francesa. Antonio Gramsci também queria fazer isso. Ele dizia que Rosa Luxemburgo está mais alta no panteão espiritual do que São Francisco de Assis.

Como o sr. vê a expansão do movimento carismático na Igreja Católica?

A situação da Igreja Católica é desesperadora. Já está mais do que na cara que o Concílio Vaticano foi um suicídio. Destruíu tudo. Mexeu no que não era para mexer e não mexeu no que era para mexer. Por exemplo, essa palhaçada do celibato clerical. A Igreja hoje defende o acidental ao passo que já entregou o essencial. Por exemplo, quando diz: “Vamos ter um diálogo com os marxistas”. Eu digo: “Não tem diálogo com Satanás!”. O marxismo é uma ideologia demoníaca. O comunismo faz do ódio a determinadas pessoas a suprema virtude. O ódio ao

explorador se torna predominante em relação à piedade pelo explorado. O sujeito que acreditou nisso está lesado! Eu acreditei nisso entre os 18 e os 20 anos. O mal que me fez... Até hoje tenho de fazer uma espécie de psicanálise para tirar os resíduos desse profundo engano.

O sr. foi militante de alguma tendência organizada?

Fui do Partidão (Partido Comunista Brasileiro) e fui cooptado pelo pessoal do Marighella. Mas, quando começou esse negócio de guerrilha, eu já estava fora havia um ano, uma coisa assim. Isso foi em 1965, 1966, por aí. Mas eu me contaminei profundamente. Eu me impregnei de marxismo. Eu não tinha a menor condição de julgar aquilo! Passei depois 30 anos para apagar essa porcaria. Até hoje não apagou.

Que resquícios sobraram desse militante esquerdista?

Uma certa tendência de demonizar a direita. Até anos atrás, eu não lia um livro de um sujeito que se dizia fascista. Graças a esse preconceito, só depois dos 40 anos li Ezra Pound, Donoso Cortés, Joseph de Maistre e vi que não eram monstros.

O sr. não acha que demoniza a esquerda hoje?

Quem inventou a demonização do adversário foi o marxismo, por pura autoprojeção. A esquerda em geral não é satânica, mas o marxismo é.

Mas se o sr. diz que o marxismo é satânico, está demonizando...

Mas isso não é uma figura de expressão, é uma verdade literal. Leia o livro de Richard Wurmbrand, *Marx and Satan*, e descobrirá que Marx nunca foi materialista, mas um devoto adepto de seitas satanistas, além de espião a serviço do governo austríaco. Um canalha em toda a linha. Tudo no marxismo é engodo e fraude. Morro de vergonha de ter acreditado nesse lixo.

O que quer dizer com “demoníaco”?

O demoníaco é o que proíbe o homem de pensar além da perspectiva terrestre e de julgar o que se passa no mundo em função de uma perspectiva maior. Não deixa fazer a pergunta: “E se houver uma vida após a morte? E se meus atos aqui forem decisivos para o meu destino post mortem?”. É quando se fazem essas perguntas que se começa a dar um sentido eterno à vida. Se a pessoa não fizer isso, não é nem gente.

Os vários materialismos não marxistas – e os há aos montes – também são satânicos?

Mas isso era a esquerda antes do marxismo, a que fez a Revolução Francesa. As raízes desse satanismo já estão lá, mas a palavra esquerda é ambígua e abrange muitas coisas boas também.

Um banqueiro que vai à missa, reza, e, na sua prática cotidiana, em nenhum momento age como quem acredita na vida eterna...

Se me apresentarem um único banqueiro que seja assim, eu talvez concorde. Seria um tipo execrável. Porém, mesmo que esse tipo existisse, muito mais execrável é o sujeito que reivindica o poder político. O homem que quer poder político quer a legitimidade do homicídio, o monopólio estatal da força física.

Ele não pode querer esse poder para fazer o bem?

E o banqueiro não pode querer o dinheiro para fazer o bem? Faz parte do senso comum brasileiro hoje em dia que aquele que reivindica um poder político, alegando tais ou quais motivos superiores, é um tipo superior àquele que reivindica dinheiro. Mas, na verdade, eles estão no mesmo nível, e até aquele que reivindica dinheiro é menos perigoso. A única coisa que um capitalista pode fazer contra outra pessoa é lhe recusar um benefício que ele poderia lhe dar. Mas o problema é que hoje há uma tal simbiose de poder político e poder econômico que o critério político acaba predominando. Quem é o autor dessa simbiose? A casta dos homens de

dinheiro e a dos homens de poder. Mas é uma terceira casta que é a culpada de tudo: a dos homens inteligentes e de cultura. Foram eles que inventaram essa porcaria toda de sociedades mais perfeitas, ideais abstratos.

O sociólogo Manuel Castells fala que, hoje, se alguma utopia pode servir para refletir a realidade, é o anarquismo, ou seja, a atomização completa dos poderes. O que o sr. pensa disso?

Olha, se pegarmos a ideologia anarquista e retirarmos dela um fundo verdadeiramente demoníaco e mórbido, de ódio às religiões, podemos dizer que eu sou anarquista. É preciso muito menos autoridade neste mundo do que existe. Até mesmo no que se chama de iniciativa privada. O presidente da Ford ou da Mitsubishi tem mais poder do que Luís XIV, poder sobre a vida das pessoas!

Na sua hierarquia de valores, o que vem primeiro?

O destino eterno do homem. Essa é a única questão que interessa; o resto é tudo conversa mole! O que acontece depois? É uma ilusão achar que várias vidas de seres mortais podem encontrar um simulacro de eternidade num negócio chamado história, uma abstração inventada por acadêmicos. A idéia do sentido imanente da história é uma das idéias mais estúpidas que pode haver.

O lançamento da coleção Biblioteca de Filosofia, que você está organizando, tem a ver com este seu combate?

A coleção se inspira na idéia de sacudir um pouco a letargia mental dos nossos meios universitários, cujo cardápio de leituras é muito repetitivo: é sempre Nietzsche, Foucault, Derrida, Gramsci, aquela lengalenga. Escolhi então livros que fossem de primeira ordem, que tivessem exercido reconhecida influência nos meios filosóficos, mas que fossem ainda mal conhecidos – ou desconhecidos – do público mais geral, especialmente brasileiro. Jóias raras, em suma.

O primeiro livro foi As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo, do romeno Constantin Noica. Por que não um autor mais conhecido?

Constantin Noica foi o guru de todos os escritores romenos que fizeram sucesso no exterior, enquanto ele próprio permaneceu na Romênia, em prisão domiciliar, desconhecido do mundo. Outro autor será Eugen Rosenstock, que depois mudou o sobrenome para Rosenstock-Huessy em homenagem à esposa falecida. Ele escreveu um livro que Otto Maria Carpeaux qualificou de “a obra histórica mais profunda do nosso século”.

Quem mais integra a coleção?

Vamos publicar até Max Wundt, grande filósofo obscurecido pela fama do pai, Wilhelm Wundt, fundador da psicologia experimental, e René Guénon, do qual Mircea Eliade dizia: “É o melhor de todos, mas não o cite jamais ante o público acadêmico”. Mais tarde vamos publicar clássicos latinos e medievais que ninguém neste Brasil leu ainda.